



BRIAR BOLEYN

EM
ASAS
DE
SANGUE

ACADEMIA BLOODWING • LIVRO 1

OTHER
SIDE





AVISOS DE CONTEÚDO

Abuso de substâncias

Abuso sexual (ameaça)

Bullying

Consentimento dúbio

Conteúdo sexual explícito

Ideação suicida

Manipulação emocional

Maus-tratos a animais

Maus-tratos a menores

Morte

Problemas de saúde mental

Sangue e cenas sangrentas

Sequestro e tortura

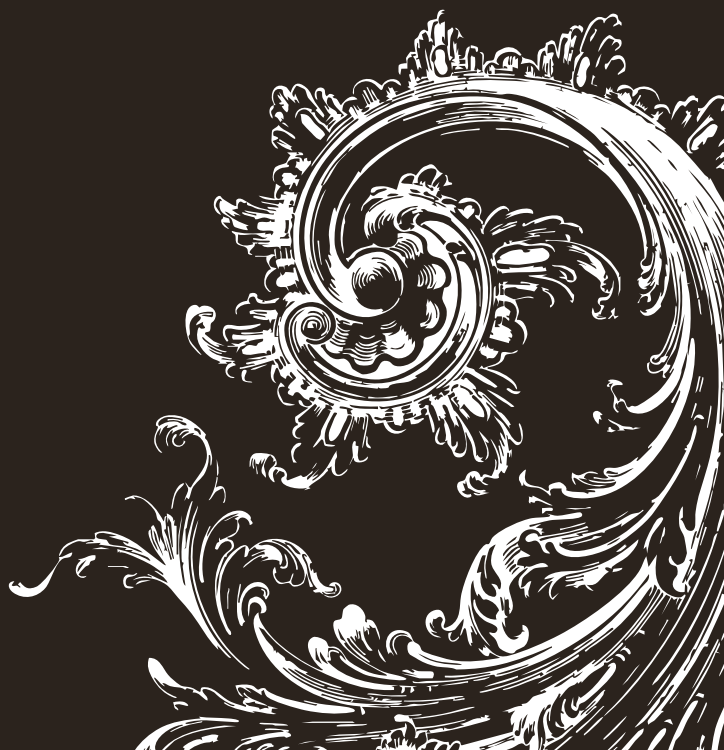
Violência gráfica

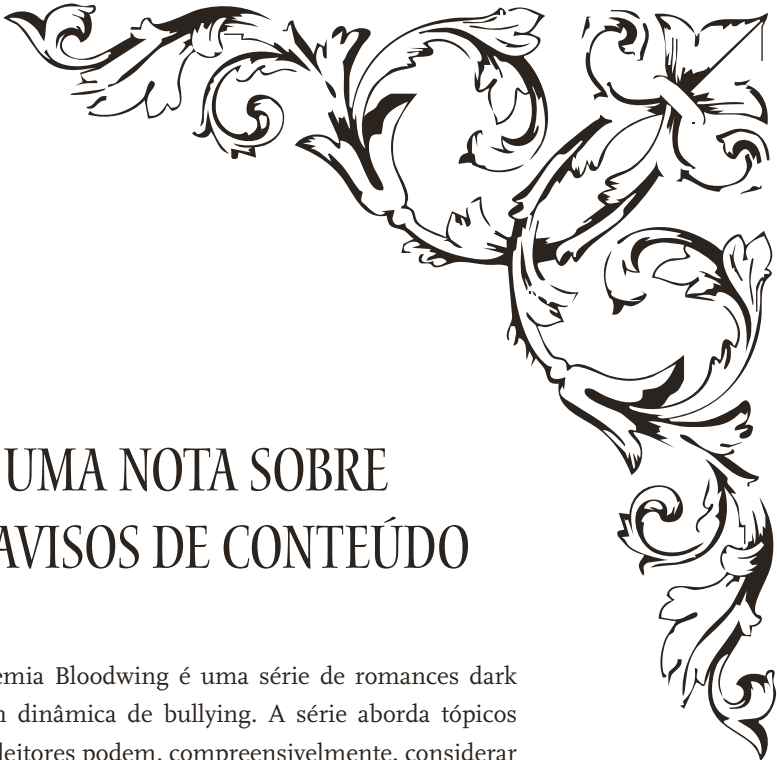


*Para a minha Street Team, a Corte da Rosa.
Nunca irão compreender o apreço que vos tenho.*

*E para a minha irmã mais nova,
por ser a primeira leitora deste livro.*

Dás-me sempre as melhores recomendações de livros!





UMA NOTA SOBRE OS AVISOS DE CONTEÚDO

A Academia Bloodwing é uma série de romances dark fantasy com dinâmica de bullying. A série aborda tópicos que alguns leitores podem, compreensivelmente, considerar perturbantes.



PREÂMBULO

O sangue, tão somente, das minhas veias é o que vos responde.

O MERCADOR DE VENEZA (ATO 3, CENA 2)

Quem encara a morte desprovido de amor, o seu fim irá certamente encontrar.

Mas aquele que entrega a sua alma, a eternidade irá prolongar.

— AS ÚLTIMAS PALAVRAS DA RAINHA ORCADES LE FAY



PRÓLOGO

Eu acho que estava inebriado. Inebriado pelo poder, inebriado pelo sangue dela.

Acreditei que ela me perdoaria. Perdoar-me-ia porque teria de o fazer. Estávamos vinculados, eu e ela.

O que foi enunciado será para sempre inalterado. Não foi isso que o velho disse? *O vínculo criado não poderá ser revogado.*

Eu não tinha feito nada de mal, disse a mim mesmo. Apenas havia seguido a conclusão lógica das coisas.

Eu não iria tirar prazer disto. Tinha fome. *Precisava* dela.

Pronto, talvez houvesse um bocadinho de prazer. Mas seria para ambos. Não apenas para mim.

Dei um passo na direção dela, olhei-a nos olhos e, por um momento, hesitei.

Conseguia sentir o vazio a corroer-me. A sede de sangue estava sempre lá, à espreita sob a superfície. No que tocava a ela, eu consegui contê-la, de alguma forma.

Ela não olhou para mim da mesma forma que uma serva teria olhado. Como se eu fosse algo a temer ou idolatrar. Nunca o fizera.

Não, os seus olhos revelavam algo completamente diferente.

Puro ódio.

Ela confiara em mim. Ainda que não o quisesse admitir.

Agora, eu destruí essa confiança.

Ela estava a olhar para mim da mesma forma que olhara naquele primeiro dia. Como se eu não fosse um homem, meramente um monstro.

Ainda assim, a atração era demasiado forte. Eu não podia simplesmente deixá-la virar as costas a isto. A mim.

O sabor do seu sangue atingiu-me como uma droga. Doce, rico e poderoso.

Ela era tudo aquilo que eu desejava. Mais ainda. Bebi mais profundamente. O sangue dela era diferente de tudo aquilo que eu alguma vez provara. Ela era perfeita. Em vez de me sentir satisfeito, a minha fome despertou intensamente.

Senti o corpo dela a ficar tenso, um ligeiro tremor quando ela se tentou afastar, mas ignorei-o. Com o tempo, ela iria habituar-se a isto. Teria de se habituar. Era assim que nós funcionávamos.

Depois, as minhas presas foram-lhe arrancadas do pescoço sem aviso.

O chão à nossa volta entrou em erupção.

Minutos mais tarde, quando o pó assentou e ela se virou lentamente para mim, com a marca da minha dentada ainda fresca no pescoço, apercebi-me da verdade.

Ela corria agora mais perigo do que nunca.

E nunca me perdoaria por aquilo que eu fizera.



CAPÍTULO 1

MEDRA



Outono.

Dez meses antes.

As folhas estavam a mudar de cor quando ele me encontrou. Os últimos vestígios de verão esvaneciam quando começou a minha prisão.

Eu morri para destruir um deus corrupto no meu próprio mundo. Sacrifiquei-me para salvar aqueles que amava. Enfrentei o meu fim de bom grado. Aceitei-o sem arrependimentos.

Pensei que o fim seria, efetivamente, o fim.

O destino era cruel.

Dei a minha primeira respiração ofegante, sentindo a alma a estremecer-me dentro do corpo, como se não tivesse a certeza de que pertencia ali, antes de, por fim, assentar desconfortavelmente, como que a aceitar a contragosto que estávamos aqui presos juntos.

Mas aqui onde? Este não era o meu mundo. Isto não era Aercanum. Dava para percebê-lo pelo ar. Tresandava a ferro e cinzas. A sangue e morte.

Com um gemido, ajustei a minha posição, e o movimento enviou ondas de dor pelas minhas costas. Alguma coisa estava a prender-me as pernas.

Voltei a mexer-me e, desta vez, olhei para baixo. Um arrepio percorreu-me. Não era alguma *coisa*. Era *alguém*. Alguém morto, caído em cima de mim, prendendo-me.

Respirei fundo para me acalmar. Mas isso apenas piorou a situação, dado que o cheiro a decomposição se infiltrou nas minhas narinas mais intensamente. Quase vomitei.

Os meus ouvidos aguçaram-se ao ouvir um som ténue.

Depois, outro.

Esforcei-me para conseguir decifrar o burburinho abafado. Passos a marchar contra o chão sólido.

Vinha aí alguém.

Sentei-me e empurrei o corpo pesado que caíra sobre as minhas pernas, debatendo-me para me libertar. Será que devia pedir ajuda? Ou esperar que eles passassem por aqui sem repararem em mim?

As vozes aproximavam-se mais.

De súbito, uma figura surgiu no limiar da minha visão, atravessando os amontoados de corpos como uma grande doninha.

Era um homem. Pequeno e magro. Tinha um sorriso nos lábios, revelando dentes amarelados e semelhantes aos de uma ratazana.

Eu fiquei deitada, imóvel, com esperança de que, para ele, eu não passasse de mais um corpo no chão.

Mas era tarde demais. Ele deve ter-se apercebido do meu movimento antes de eu o ter visto. Com um rápido salto de ratazana, pôs-se em cima de mim, prendendo-me.

Conseguia sentir o seu hálito rançoso quando baixou o rosto até ao meu e inspirou longa e profundamente.

— Barnabas!

A voz irrompeu pelo ar como um chicote. Alta. Profunda. Imponente.

O homem sentado em cima de mim paralisou, com uma expressão indecisa no rosto.

— Sim, Mestre? — A sua voz tornou-se o deslizar de uma serpente. Hedionda e trémula.

— O que é que encontraste?

Uma inspiração. A cara do homem estava muito perto do meu ouvido. Ele inspirou novamente, sentindo o meu cheiro como se se tratasse da fragrância de um vinho raro. Em seguida, para meu horror, pôs a língua de fora. Vermelha e malcheirosa, a carne retorcida aproximou-se do meu pescoço.

— Barnabas. — A voz soou mais assertiva. — Fiz-te uma pergunta e estou à espera de uma resposta.

A língua voltou a deslizar para dentro da boca do homem-ratazana. Eu vi a expressão desapontada nos seus olhos quando respondeu relutantemente:

— Esta está viva.

Uma pausa.

— Impossível. Todos os outros estão mortos. Isto está a arder há dias.

Houve um brilho nos olhos do homem chamado Barnabas do qual eu não gostei. Sustive a respiração enquanto olhávamos um para o outro. Depois, ele sorriu.

— Ainda assim, ela está viva, milorde. E tem um cheiro — ele inspirou mais uma vez, como um rafeiro, e eu estremeci —, *delicioso*.

Ele baixou a boca até ao meu pescoço de novo, e eu gritei, levantando as mãos para o empurrar quando vi o brilho de dentes afiados.

— Sai de cima dela — ordenou o outro homem, o lorde. A sua voz era predatória, ameaçadora. Não dava para perceber bem que idade tinha. Era mais novo do que o Barnabas, pensei. — Nem te atrevas a prová-la. A cheirá-la outra vez. Trá-la até mim. Agora.

Barnabas resmungou tão baixinho que apenas eu o consegui ouvir, como um cão a debater-se contra a trela do dono.

— Quero só provar-te um bocadinho. Só um bocadinho, coisinha linda — sussurrou. — Cheiras tão bem. Melhor do que tudo o que eu alguma vez provei. Quando ele te tiver, não te irá largar. Nunca terei outra oportunidade contigo.

Os seus lábios separaram-se e dois caninos aguçados apareceram, longos e afiados. Maiores do que eu alguma vez vira num homem, ou mulher, até. Ele cerrou-os como um lobo faria com as suas presas, e começou a baixar o rosto até ao meu pescoço.

Entrei em pânico. Agitei-me, levantando os braços para lhe bater. Ele surpreendeu-me com a sua força e rapidez, forçando-me a baixar os braços quase de imediato. Eu estava mais fraca do que antes. Não sabia se pela minha chegada, ou pela provação que a antecedeu. Continuei a debater-me contra ele e senti a sua frustração à medida que tentava continuar a prender-me. A sua cara aproximou-se do meu pescoço. Os seus dentes estavam tão perto. Fechei os olhos, e todo o meu corpo se contraiu em preparação para o inevitável ataque.

Em vez disso, ouviu-se um leve som de algo a ser esmagado.

Senti algo molhado no rosto e abri os olhos.

O corpo do Barnabas ainda estava em cima de mim. Mas a sua cabeça havia desaparecido.

Soltando um arquejo horrorizado, sentei-me e empurrei o corpo dele de cima de mim e, ao olhar para o lado, vi a sua cabeça decapitada a rebolar pelo amontoado de corpos, com um virote espetado no crânio.

Esfreguei o braço pelo rosto para tentar limpar o sangue daquele verme. E foi aí que me apercebi de que estava, muito inconvenientemente, nua.

— Levanta-te. Vem cá abaixo.

Cerrei os dentes. Pelos vistos, estava prestes a trocar um captor por outro. E este não parecia ser do tipo de choramingar.

— Preferia ficar aqui — bradei. — Podes seguir caminho. Não preciso de ajuda.

Seguiu-se um silêncio momentâneo. Em seguida, ouvi uma explosão de vozes. O homem não estava sozinho. As minhas palavras pareceram surpreender o grupo de pessoas que o rodeava.

— Silêncio. — As vozes lá em baixo calaram-se. — Não era um pedido — disse a voz de novo. — Mas se recusares fazer aquilo que te mando outra vez, terei todo o gosto em ordenar a um dos meus homens que te vá buscar.

Levantei-me lentamente e ouvi sussurros lá em baixo, talvez causados pelo sangue do Barnabas a escorrer-me pela pele, ou pelo choque de verem uma mulher nua, quem sabe. Eram maioritariamente homens, portanto era provável que fosse a segunda hipótese.

Ergui a mão para proteger os olhos do sol turvo que espreitava por detrás das nuvens. Focando o olhar, vi uma fila de soldados, alguns de pé, outros montados a cavalo. Todos vestiam um estilo distinto de armaduras vermelhas e pretas.

Um homem estava na frente, montado num corcel preto. Tinha uma besta nas mãos. Olhei para a arma com interesse. Devia ser uma besta mesmo poderosa, para conseguir decapitar uma pessoa com um só tiro. Depois, levantei o olhar até ao rosto do homem, e todos os meus pensamentos sobre a besta se dissiparam. Ele era estonteante. Ângulos firmes e pele pálida. Mortífero e sedutor. Também era muito mais novo do que eu esperara. Perto da minha idade.

Este homem salvou-me a vida. Matou um dos seus próprios homens para me proteger.

Mas, ao ver a expressão arrogante que lhe pintava as feições, a curva cruel dos seus finos lábios, não senti um único pingo de gratidão.

Cabelo louro-dourado emoldurava-lhe o maxilar definido. Tinha um físico esguio e elegante, toda uma graça musculada. Ainda assim, algo nele me fazia acreditar que outrora fora um rapazinho frágil e magro. Uma das suas características sobressaía entre as outras. O seu aquilino nariz de falcão. Não pertencia ali. Era demasiado pontiagudo, demasiado grande. Demasiado impecável. Porém, conferia-lhe um ar ainda mais aristocrático, elevava a sua

expressão altiva. Condizia com os belos ângulos das suas maçãs do rosto e maxilar, e contribuía para o seu ar de lobo. Alguns poderiam até achá-lo pouco atraente.

Decerto que não fazia o meu tipo. Eu preferia alguém mais corpulento. Com cabelo mais escuro. No entanto, não podia negar que havia algo nele. Uma sensação de poder mal contido e astúcia perigosa que fervilhavam sob a superfície da sua fachada de total controlo.

Enquanto eu cambaleava pelo monte de corpos a apodrecer, ele desceu do cavalo. Segurando a besta na mão esquerda, caminhou na minha direção. Comportava-se como alguém que não estava habituado a que questionassem a sua autoridade. Os seus penetrantes olhos cinzentos brilharam, e eu senti-me a ser avaliada da cabeça aos pés. O seu olhar demorou-se em cada centímetro da minha pele, desprovendo-me de toda a modéstia. Ele deu mais um passo na minha direção, cheirando o ar de uma forma que me fez lembrar insuportavelmente do Barnabas. Senti o cheiro a maçãs verdes que emanava dele, mesmo antes de acordar para a vida e me afastar dele. Mais tarde, questionar-me-ia sobre isso. Ele tinha um cheiro fresco. Completamente diferente do de Barnabas e dos outros corpos podres.

Ainda assim, eu não aguentava mais aquele olhar a percorrer-me.

— Olha à vontade, sim? — Atirei o meu cabelo longo por cima do ombro e fiquei desconcertada ao senti-lo cair sobre a minha pele desnuda. — Garanto-te que é a última vez que o poderás fazer.

Um soldado corajoso desatou-se a rir algures na fila. Lancei um sorriso aos soldados, desafiando-os a voltarem a rir-se.

Bastou um olhar do jovem comandante para que eles ficassem em silêncio de imediato.

O jovem lorde escarneceu.

— Estava a tentar compreender o estranho fascínio do Barnabas. Tu cheiras terrivelmente mal. Mas presumo que estar deitada numa pilha de cadáveres tenha esse efeito.

Ele virou-se para um dos soldados.

— Vai buscar-lhe alguma roupa. — Estalou os dedos. — Pensando bem, dá-lhe a tua capa. Despe-a. Agora.

Vi os olhos do soldado a arregalarem-se.

— Mas, meu senhor, meu príncipe — murmurou o homem, olhando para mim discretamente. — O senhor viu o que ela é. O cabelo dela... Ela porta a marca...



Com que então, um príncipe? Certamente que tem o ar altivo de um.

— Eu sei o que ela é — respondeu o comandante. — Melhor do que tu, sem dúvida alguma. Agora, dá-lhe o raio da capa. Vamos levá-la connosco.

Apressadamente, o soldado desprende a capa e atirou-a. Eu apanhei-a, agradecida, e tentei ignorar o olhar que me lançava. Medo ou repulsa, não dava para perceber.

— Príncipe ou não, estás enganado se achas que vou a algum lado contigo — declarei ao aceitar a capa, embrulhando-a em torno do corpo. — Obrigada pela capa, mas posso descobrir o caminho daqui até casa sozinha.

Pelo menos parte disso era verdade. Eu não estava em casa. Duvidava que algum dia fosse lá voltar. Mas conseguiria sair deste antro infernal onde me encontrava. Passado um momento, dei por mim a desejar ter ficado calada.

O jovem comandante tinha montado no seu cavalo. Agora, virava-se para olhar para mim com desdém. O seu nariz, reparei, não era apenas parecido ao de um falcão, mas também era torto, como se ele já o tivesse partido, talvez mais do que uma vez.

Algo nele fazia com que eu não conseguisse desviar o olhar. Os seus olhos prenderam-se aos meus num desafio silencioso.

— Era bom que essa decisão te coubesse a ti. Não cabe. Mas se estás a planear dificultar as coisas... — Ele gesticulou para outro soldado. — Traz-lhe umas roupas decentes. E depois prendam-na.

E assim fizeram.



Dirigimo-nos à cidade numa estranha procissão de soldados e cavalos, comigo a cambalear à frente do cavalo do comandante, com os pulsos amarrados enquanto seguia pelo solo desnivelado. Consequia sentir o olhar do príncipe em mim, sentir o seu frio divertimento cada vez que eu tropeçava. Eu já tinha desenvolvido um ódio fervente pelo meu novo captor, mas consegui não virar a cabeça para olhar para ele. Nem uma única vez. Por fim, ele falou:

— De onde é que vieste?

Ignorei-o.

— Fiz-te uma pergunta. Claramente, não pertencias àquele lugar. Portanto, de onde é que vieste? O que é que estavas lá a fazer?

Ouviu-se o estalar de um chicote e eu estremei.

— Não me faças perguntar novamente.

Mordi o lábio para conter a onda de riso histérico dentro de mim. Será que este homem iria mesmo *chicotear-me*? A mim, que até há pouco tempo fora princesa de Camelot e fada real? Mais valia responder-lhe, pensei. Mas não com a verdade, obviamente.

— Não sei — menti.

Não ia dizer-lhe que caí aqui, vinda de outro mundo, depois de destruir o meu avô, que era a coisa mais próxima de um deus no meu mundo. E, além disso, tinha quase a certeza de que o que quer que eu usara para conseguir esse feito não viera comigo. Não queria admiti-lo, mas a verdade era que... eu me sentia mais fraca. Estranhamente vazia. Atrever-me-ia a dizê-lo? Mortal.

No entanto, algo em mim havia claramente chamado a atenção destes soldados. Eles disseram que eu era diferente. O que será que me fazia sobressair?

— Porque é que me estás a levar contigo? Atacas sempre as mulheres inocentes que encontras pelo caminho?

Ele fica em silêncio durante um momento.

— Falas como se não soubesses quem eu sou. O que é que estavas a fazer naquele lugar?

— Perdi-me — respondi despreocupadamente. — E não sei. Quem és, quero eu dizer. Era suposto saber? Quem tu és? Quero dizer, além do facto de seres um otário?

Ele resmungou, como se estivesse irritado, mas não ergueu o chicote.

— É inacreditável que possas ser assim tão ignorante. Mas irás descobrir tudo aquilo que precisas de saber em breve — disse, enigmaticamente. Depois: — Ah, merda — ouvi-o murmurar.

Levantei o olhar e vi um soldado a correr na nossa direção. Era um homem baixo e frágil, e tinha no rosto redondas armações de arame a revestir vidro. Óculos. Já tinha visto alguns nobres a usá-los no meu mundo. Olhei para ele com curiosidade, e ele também olhou para mim, completamente pasmado.

— Meu príncipe — exclamou. — Disseram-me que tinha encontrado... — Ele olhou para mim. — Disseram-me que tinha encontrado uma mulher de interesse.

— Pode dizer-se que sim — respondeu. — Ela não é assim tão interessante, Lucius. Na verdade, é bastante aborrecida.

Eu ignorei o insulto.

— Mas... o cabelo dela — sibilou o soldado chamado Lucius. — A cor. É incrível. Absolutamente incrível, meu senhor.

Outra vez isto? Quer dizer que *era* o meu cabelo. Levei uma mão à cabeça. Sempre me disseram que a minha mãe, que era fada, tinha vibrantes madeixas púrpura. Se bem que eu nunca tinha visto o cabelo dela. Ela morrera ao dar-me à luz. Em comparação, o meu cabelo parecia ter-se contentado com um ruivo ferrugento e baço. Por vezes, dava por mim a pensar em cenouras quando me via ao espelho antes de ir dormir. Agora, os caracóis estavam emaranhados e despenteados. Os meus dedos tentaram destrinchá-los, mas não valia a pena. Precisava de uma escova, de um pente. E de um banho quente. Um leve gemido escapou dos meus lábios perante a ideia de estar limpa a quente.

— Príncipe Drakharrow, tem noção do que isto significa? — sussurrou Lucius. Eu começara a vê-lo como uma espécie de secretário. Claramente gostava de lamber botas como um. — Tem de apresentá-la à corte. Ela pode até ser...

— Discutiremos isso mais tarde — interrompeu o príncipe-comandante. — Já enviei um mensageiro à nossa frente — admitiu, quase contrariado.

A tensão na sua voz indicava-me que ele sabia muito bem do que é que o outro homem estava a falar. Só que não queria falar sobre isso. Ainda não. Porquê? O que é que eu teria de interessante?

— Ótimas notícias, meu senhor. Excelente. Eu sabia que podia contar com a sua sabedoria. — Eu senti o olhar do pequeno secretário lambe-botas em mim. — Nem consigo imaginar a agitação que isto irá causar. Olhe bem para ela, meu príncipe; o cabelo dela é mesmo... bem, *ruivo*.

— Sim, eu sei, Lucius — ripostou o Príncipe Drakharrow. — Tenho olhos. Cabelo ruivo. Sim, é ruivo. Bem, vamos levá-la connosco. A corte irá investigar o motivo da sua presença e resolver o assunto. É tudo muito entediante. Agora temos de voltar mais cedo, sem terminar a nossa investigação sobre o problema na vila. Mas o que é que podemos fazer? Vivo para servir. — Quase dava para ouvir os olhos dele a revirarem-se de irritação.

— Peço desculpa. Estou a aborrecer-te? — reclamei, virando-me para ele. Puxei as correntes. — Presumo que isto seja apenas mais um dia normal para ti. A arrastar pessoas acorrentadas de um lado para o outro.

Ele ignorou-me.

— Muito bem. Como preferir, meu senhor — disse apressadamente o soldado-secretário, ignorando também a minha exclamação, mas

lançando-me um olhar chocado. — É uma verdadeira honra poder acompanhá-lo a regressar com uma prisioneira tão prestigiosa.

— Eu não sou uma maldita *prisioneira* — rosnei, virando-me para enfrentar o homem.

O secretário suspirou e afastou-se, quase caindo ao tropeçar numa pedra.

Atrás de mim, o Drakharrow riu-se.

Era o primeiro sinal que eu via de que ele poderia ser remotamente humano. Voltei a olhar para ele fixamente.

— Tenta manter-te em pé, Lucius — sussurrou o jovem lorde. — Ela é só mais uma filha do tormento, não é nenhum unicórnio.

— Não é mesmo! Ela pode até ser muito mais importante do que qualquer outra criatura do mundo das lendas — guinchou o Lucius ao estender os braços para recuperar o equilíbrio. — Se bem que há uma ligação entre...

— Esta conversa já se está a tornar entediante. Olha. — O homem louro apontou para a frente. — Estamos a aproximar-nos da cidade. A situação ficará resolvida em breve.

O Lucius afastou-se, ainda a murmurar para si próprio, animado. Eu olhei em frente, para onde ele estava a apontar, e arquejei. Havíamos chegado ao cimo de uma colina.

Lá em baixo, estava uma cidade.

Eu viera de um castelo que flutuava no céu. Usara magias poderosas para o fazer cair à terra e matar aqueles que lá viviam. Parecia ter sido há tanto tempo. Tão impossível.

Ainda assim, apesar das maravilhas que presenciara, podia dizer que nunca tinha visto nada que se assemelhasse àquilo que tínhamos à nossa frente.

A cidade em si fora construída numa escala menor do que eu esperara, mas continuava a parecer grandiosa e abastada. Pousava ao lado de um escuro e agitado oceano, onde águas tumultuosas salpicavam a areia branca. Para lá dos limites da cidade, estendiam-se três enormes pontes, que levavam a três ilhas rochosas. Na primeira ilha, empoleirada como um ninho branco num penhasco escuro, havia uma estrutura de pedra brilhante e reluzente. Luzia até ao cimo, como uma pérola luminosa entre as ondas cinzentas e o céu que escurecia a olhos vistos. Pináculos estreitos e altos erguiam-se ao centro, com colunas esguias e graciosas em torno da estrutura. Na segunda ilha, um castelo com torres e arcos cor de ónix profundo torcia-se para o céu

em formas e ângulos que deviam ser impossíveis, fazendo-me lembrar as presas afiadas de uma grande fera de pedra. Na terceira e última ilha estava o maior edifício de todos, que eu suspeitava ser também o mais antigo. Parecendo ter surgido de uma mistura de épocas e estilos, assemelhava-se a um castelo ou a uma grande fortaleza. A estrutura estendia-se como uma teia de aranha, espiralando a partir de um conjunto de seis torres, cada uma de material e design diferente. A única coisa que dava algum sentido de continuidade ao edifício, fosse ele o que fosse, era a cor. Todos os materiais usados tinham um tom escuro de carmesim, quase preto.

Eu contive cuidadosamente a minha expressão, tentando não revelar os meus pensamentos. Se o meu captor conseguia fingir aborrecimento, eu também o faria.

— O que é aquilo? — perguntei, tentando soar desinteressada. — Como é que se chama aquela vila?

— Vila? — Reparei no vestígio de irritação na sua voz. — Aquilo não é uma mera vila.

Encolhi os ombros.

— Pronto, cidade. O que é que isso importa?

— O que é que isso importa?



Para minha surpresa, ouvi-o a desmontar do cavalo atrás de mim. Passado um momento, estava a caminhar ao meu lado.

— Aquilo, miúda, não é uma vila, mas sim a cidade capital de Sangratha. — Eu conseguia sentir o seu olhar no meu rosto. — Sinceramente, se fores uma espia das terras fronteiriças, és a pior que alguma vez vi. Como é possível alguém nunca ter ouvido falar em Veilmar?

— Ah. E tu apanhas muitos espões, é? — Olhei-o de alto a baixo, deixando os meus olhos demorarem-se na sua capa preta e armadura impecável. — Não tens ar de quem costuma sujar as mãos.

— Tu não sabes nada sobre mim, como já percebemos — retorquiu.

Eu inclinei a cabeça.

— Sei que és nobre. Que estás habituado a dar ordens, não a segui-las. Que estás habituado a que as pessoas te façam as vontades, em vez de seres de trabalhar para alcançar aquilo que queres. Diria que sei o suficiente.

Ele ficou em silêncio.

— Aquele homem que tu mataste. O Barnabas — aventurei-me. — Os dentes dele. Eram... longos. Acho que ele me ia... morder.

O príncipe de cabelo claro desatou a rir.

— Ai achaste?

— Não entendo qual é a piada de... — começo a dizer. Depois paro.

Ele estava a lançar-me um sorriso frio; a sorrir-me, se é que lhe podíamos chamar isso, pela primeira vez. Com os lábios ligeiramente separados, dava para ver que os seus incisivos eram ainda mais longos do que os do Barnabas e que tinham delicadas pontas afiadas.

— Presas — disse, atónita. — Tu tens presas.

Ele suspirou.

— Quê, vais dizer-me que nunca ouviste falar dos nobres de sangue na tua terra? Porque se o fizeres, eu vou mesmo achar que tu caíste do céu. Ou talvez tenhas batido com a cabeça nalguma pedra. — Ele semicerrou os olhos. — Ou será que bebeste demasiado? — Uma mão estendeu-se de repente e ele bateu-me na cabeça com força.

— Au! Eu não bebi nada, seu idiota — exclamei.

— Tu é que não tens nada na cabeça e eu é que sou o idiota? — Ele abanou a cabeça.

— Uma vez li uma passagem num livro... — comecei.

— Com que então, tu sabes ler? Estou sem palavras.

Eu ignorei-o.

— Falava sobre criaturas de dentes afiados, que bebiam sangue. Não podiam sair à luz do dia. Atacavam durante a noite, sugando todo o sangue das suas vítimas. Viviam longas vidas. — Olhei para ele de relance, desesperada para que ele me dissesse que eu estava equivocada.

— Bem, três de cinco não é nada mau — declarou. — Nós podemos sair durante o dia, como podes ver. — Ele apontou para cima, para o desvanecente sol da tarde, que espreitava por detrás das nuvens. — Vivemos longas vidas.

— Mas vocês... bebem pessoas? — Fiquei a olhar para ele, tentando não revelar o meu horror no tom de voz. — Vocês bebem sangue?

Ele sorriu, cruel e lentamente.

— Somos vampiros. Está na nossa natureza.

— Então, o que é que estás a fazer? A levar-me até ao teu povo para me drenarem?

Ele espreguiçou-se, com os braços acima da cabeça, e eu tentei não olhar para os músculos que se contraíam sob a sua capa escura.

— Talvez. Não sei o que é que eles irão fazer contigo. Ser drenado é uma honra, sabias?

Eu não conseguia perceber se ele estava a brincar. Por algum motivo, duvidava que estivesse.

— És um monstro.

Ele esboçou um sorriso matreiro.

— Para, estás a ferir os meus sentimentos, filha do tormento.

— Não finjas que tens sentimentos — ripostei.

— Tens razão. São um sinal de fraqueza, portanto não o farei.

— Porque é que tens de me levar seja onde for? Porque não deixar-me em paz onde me encontraste?

Os seus lábios contorceam-se.

— Numa pilha de cadáveres? Pensei que estávamos a fazer-te um favor.

Eu levantei os pulsos.

— Ah, sim, quem me dera que todos os homens fossem tão amáveis como tu — disse sarcasticamente ao bater com as correntes metálicas.

— A tua bondade está a dar cabo de mim.

A sua boca contorceu-se.

— Muitas mulheres adorariam estar no teu lugar. Quero dizer, talvez não a caminhar por uma estrada poeirenta...

— Não tenho interesse em ouvir as tuas hediondas proezas sexuais — disse com uma expressão enojada. — Guarda a gabarolice para os teus homens. Eles não se importam que lhes contes histórias sobre as mulheres que amarras à tua cama.

— Eu não preciso de inventar histórias — retorquiu num tom irritado.

Atirei o cabelo sobre o ombro sem dizer nada.

Durante um momento, consegui senti-lo a olhar para as minhas madeixas ruivas. Por fim, disse:

— Perguntaste-me porque é que te estamos a levar connosco? Bem, tu ouviste aquilo que o Lucius disse.

— Que é por causa do meu cabelo? Isso é um motivo bastante estúpido.

Ele suspirou.

— Concordo.

Olhei para ele.

— Concordas? Então... solta-me.

— Infelizmente, as minhas preferências quanto à cor de cabelo não são o único motivo. Posso achar que o teu cabelo cor de ferrugem é feio — disse ele de modo irónico —, mas isto não tem que ver com as minhas preferências pessoais.

— Graças às estrelas — disse baixinho. — Eu não tenho qualquer interesse em que tu me consideres atraente. *Meu senhor*. — Deixei que as últimas duas palavras pingassem de sarcasmo.

Ele ignorou-me.

Passado um momento, não resisti a perguntar.

— Está bem. Que mais? Além do meu cabelo. Chamaste-me filha do tormento. O que é que isso significa?

Ele olhou para mim.

— Todos os mortais são filhos do tormento. Tu, claramente, não és vampira. Mas há... diferenças. Também não és uma humana normal. As tuas orelhas, por exemplo. São incomuns.

Levei um dedo à orelha, sentindo a sua ponta.

Olhei para as dele.

— As tuas são redondas.

— Todos nós temos orelhas redondas — respondeu ao gesticular em direção aos soldados à nossa frente. — Nunca vi orelhas pontiagudas como as tuas. Destacam-se.

— É só isso? Nasci com cabelo ruivo e orelhas estranhas! Isso é motivo para me raptares? — questionei, levantando a voz.

— Não é só isso — disse ele lentamente, prendendo o meu olhar ao seu. Olhou-me de alto a baixo e, apesar de não querer que acontecesse, senti o meu rosto a corar. — Há outros aspetos da tua aparência.

Irritei-me.

— Tipo, o quê?

— Além disso, eu não te raptar — disse, virando-se para voltar a montar-se no cavalo. Ao que parecia, esta conversa estava a chegar ao fim. — Tu nunca sequer foste *tua*.

Fiquei boquiaberta.

— Desculpa?

— Tu pertences a Sangratha. Pertences a qualquer nobre de sangue que te queira ter. Tal como disse o Lucius, é uma honra ter a atenção de um dos Sangue Sagrado. — Ele sorriu, de lábios apertados. — *Devas* sentir-te honrada.

Sangratha. Aparentemente, era esse o nome desta terra.

Parte de mim ansiava por fazer mais perguntas a este suposto príncipe. Como qual era o seu nome. Ou o significado dos lugares que estavam à nossa frente, nas três ilhas. O que eram? Era para lá que íamos? Mas decidi

que a nossa cavaqueira hostil já se prolongara o suficiente. Humedeci os lábios já gretados pelas horas de caminhada, sem água nem descanso, e segui em silêncio.

Ao contornarmos a orla da cidade de Veilmar, tornou-se óbvio o destino do nosso percurso. A ilha no centro das três. O castelo de pedra ónix.





CAPÍTULO 2

MEDRA

O castelo chamava-se Fortaleza Negra. Um nome nada original.

Ouvi os homens a sussurrar à minha volta, proferindo as palavras como se fossem sagradas. Soldados marchavam para se alinharem em sentido, mantendo-se longe de mim, mas olhando-me de relance. Atrás de mim, o príncipe cavalgava calmamente. Parecia não se sentir intimidado pela gigantesca fortaleza da qual nos aproximávamos. Já cá havia estado antes.

Atravessámos a negra ponte de ferro. Eu conseguia senti-la a oscilar ligeiramente. Sob os nossos pés estava o mar aberto, revoltado e agitado como que zangado com a nossa presença. À nossa frente, o portão estava aberto e, para lá dele, também as portas que davam para a fortaleza. Um por um, os soldados ocuparam os seus lugares de cada lado das portas até, por fim, restar apenas eu e o príncipe no centro de um longo corredor dos seus súbditos. Uma quietude abateu-se sobre as tropas à medida que entrávamos no pátio.

O Lucius deu um passo em frente e fez uma grande vénia.

— Irei anunciá-lo ao salão, Príncipe Drakharrow.

O outro homem acenou.

— Sê breve. Não precisas de mencionar os títulos. Toda a gente que ali está já me conhece, Lucius. Afinal, só sou chamado de «príncipe» fora de Bloodwing. É uma formalidade estúpida.

O Lucius empalideceu um pouco.

— Mas... o protocolo dita...

O príncipe rosnou de repente, com os dentes a morder o ar até cerrar o maxilar. Ao lado dele, arquejei e estremeci.

O Lucius cambaleou para trás.

— Os mais escassos títulos, meu príncipe. O mínimo possível — prometeu.

O secretário apressou-se à nossa frente.

A mão do príncipe agarrou-me o braço.

— Vou tirar-te as correntes. Não te ponhas com ideias. Não tens para onde fugir.

Não lhe respondi, apenas observei enquanto tirava uma chave do bolso e me desprendia as amarras.

Assim que me libertou, começou a dirigir-se à fortaleza.

— Vocês são todos vampiros? — Apressei-me a acompanhá-lo. Eu era uma mulher alta, mas ele era muito mais alto. Dava passos largos. — Os soldados também?

— Alguns, não todos — respondeu. — O Lucius é, se é isso que estás a pensar. Agora, devias ficar em silêncio. Não vais gostar do que irá acontecer se não o fizeres.

— Estou surpreendida por não me quereses manter presa pela tua trela, meu senhor — murmurei por entre dentes. — Como as tuas *outras* mulheres.

Ele não caiu na esparrela.

Ao passarmos pelas enormes portas de ferro ornamentado e entrarmos na fortaleza de pedra negra, os nossos pés pisaram um chão de mármore branco. Olhei para baixo, para mim mesma. Os meus pés estavam descalços e sujos. Tinha vestidas umas calças e uma túnica que um soldado com uma estatura parecida à minha me doou relutantemente.

Sentia que a capa em torno dos meus ombros servia como um escudo protetor, de que eu tanto precisava, e puxei-a para mais perto, resistindo à tentação de cobrir o cabelo despenteado com o capuz. Cheirei-me cautelosamente e depois desejei não o ter feito. Eu tresandava a cadáver.

Entrámos no coração da sala. Acima de nós, milhares de velas brilhavam em candelabros de ferro pendurados bem lá no alto. Uma vasta plataforma estendia-se ao fundo, com uma fila de pessoas em cima dela, vestidos maioritariamente de vermelho ou preto. Várias das suas roupas tinham detalhes em prateado ou dourado. Tinham um aspeto majestoso e poderoso. Ao centro, sentado numa elegante cadeira de pedra esculpida, estava um impressionante homem com roupas de veludo carmesim. Não tinha nenhuma coroa na cabeça. No entanto, fez-me lembrar a sala do trono da Corte da Rosa, no meu mundo.

Sob a plataforma, uma enorme multidão estava apinhada na sala. Ao entrarmos, o grupo dividiu-se, deixando-nos passar pelo centro. O burburinho dançava à nossa volta. Escutei os comentários baixinhos e apanhei alguns dos insultos que me dirigiam.

Eles que olhassem. Eles que falassem. Eu não fazia tenções de ficar aqui durante muito tempo.

Mantive a cabeça erguida e esforcei-me por acompanhar cada passo do príncipe, ainda que isso significasse dar dois passos por cada um que ele dava. De repente, fui parada. Antes de conseguir evitá-lo, soltei um grito quando uma mão me agarrou o cabelo e o puxou com tanta força que me fez cair de joelhos no chão. Uma mulher olhava para mim com uma expressão satisfeita ao enrolar nos dedos os fios de cabelo que me arrancou da cabeça.

Instantaneamente, o príncipe veio para o meu lado, rosnando ainda mais ferozmente do que fizera a Lucius no pátio. A sua capa envolveu-me como as asas de um morcego quando ele me levantou.

— Tira as patas de cima dela — exclamou. — Ninguém lhe toca. — A voz dele ecoou pelas paredes de pedra.

Um silêncio desceu sobre multidão. Eu olhei para o estrado elevado. As pessoas que lá estavam observavam-nos atentamente. Ninguém demonstrava interesse em intervir.

A mulher que me puxou o cabelo estava bem vestida. Anéis de ouro cobriam-lhe as mãos e rubis balouçavam-lhe nas orelhas. Por um momento, pareceu surpreendida. Em seguida, a sua expressão tornou-se irritada.

— São só uns fios de cabelo. Eu não a magoei — protestou. — Todos conhecemos as histórias. Não pode ficar com ela só para si, meu príncipe.

Vi-a tentar esboçar um sorriso obsequioso e falhar redondamente.

Olhei para ela, furiosa.

— Cabra — sussurrei ao sacudir-me.

— Dá-mos. Os cabelos. — O príncipe estendeu a mão em frente à mulher. A voz dele era fria. — Já.

Murmurando por entre dentes, a mulher estendeu a mão e vi uns longos fios ruivos a desaparecer na mão dele.

Observei o príncipe a guardar o meu cabelo no bolso. Perguntei-me o que iria fazer com ele. Até-los à cama como uma lembrança, talvez? Ter-me-ia rido se essa ideia não fosse tão execrável.

Olhei em volta, para as pessoas que me encaravam como se eu fosse um animal em exposição e mostrei-lhes os dentes. O burburinho voltou, ainda mais

intenso do que antes, mas eu não me importei. Eu podia não ter presas como as deles, mas isso não queria dizer que não podia fingir ser a criatura mais perigosa que eles alguma vez viram. Assim, a olhar para mim, decidi que eram patéticos. O que é que eu teria que eles queriam tão desesperadamente? Porque é que o príncipe me trouxera até aqui? Seria simplesmente por causa do meu cabelo?

Depois lembrei-me do Barnabas e o coração caiu-me aos pés. Não era o cabelo.

Sangue.

Alcançámos a plataforma, alguns passos atrás do Lucius. O pequeno homem ajoelhou-se na tapete de veludo vermelho que se estendia em torno do estrado e começou a declarar de forma rápida, com a voz a ressoar facilmente pelo vasto salão.

— Senhoras e senhores de Sangue Sagrado, permitam-se apresentar-vos alguém que já nos é familiar: o Guardião Escarlate da Fortaleza Vermelha, Príncipe Supremo de Sangratha, Senhor do Sangue dos Puros...

Os títulos nunca mais acabavam.

Por um momento, o príncipe ficou parado ao meu lado, de dentes cerrados. Depois, de repente, inclinou-se para a frente e deu um pontapé no tornozelo do Lucius. Ouviu-se um grito. O secretário continuou a um ritmo muito mais rápido do que antes.

— Sem mais demoras, apresento-vos o Príncipe Blake Drakharrow, senhoras e senhores. — Seguiu-se uma breve pausa. — E, ao seu lado, uma... mulher. Uma filha do tormento muito incomum.

Eu contive um riso.

— Um tesouro por lapidar, encontrado por entre a lama e o lodo. — O Lucius parecia estar a reencontrar o seu ritmo. — Salva dos confins da morte e do desespero pelo Príncipe Negro.

Tossi alto e olhei de relance para o príncipe que continuava a olhar em frente como uma estátua. Era verdade que este homem, Blake Drakharrow, havia alvejado um dos seus próprios homens para me salvar. Mas visto que me acorrentou como um animal, não estava a planear agradecer-lhe tão cedo.

— Todos conseguem ver as raras qualidades desta criatura — declarou Lucius à multidão, de modo pomposo, gesticulando na minha direção. — Aqui está ela, para ser apresentada à Corte pelo meu supremo e honorável senhor, o Príncipe Blake Drakharrow...

— Sim, já tinhas dito essa parte — interrompeu Blake. — Já chega, Lucius.

O Lucius afastou-se para um dos lados antes de levar outro pontapé. Por um instante, senti pena dele. Até me lembrar de que ele também era um vampiro.

A mão do Blake agarrou-me o pulso, puxando-me para a frente abruptamente. Ele levantou a voz para que pudesse ouvir-se por todo o salão.

— Encontrámos esta mulher na vila que ardeu perto de Veilmar. — Não pela primeira vez, perguntei-me o que teria acontecido à vila. De início, presumi que essa devastação tivesse sido obra do Blake. Agora, já não tinha tanta certeza. — Ninguém devia ter sobrevivido àquilo, mas, de alguma forma, lá estava ela. Podem ver as características estranhas com os vossos próprios olhos. — Ele ergueu brevemente uma mão para apontar para mim, depois baixou-a com um encolher de ombros, como se já estivesse farto de olhar para mim. — Achei por bem trazê-la até vós e ao Conselho.

Ai achou, não achou? E quem é este Conselho, afinal? Reunido tão à pressa. O salão está cheio. Estão todos aqui para te ver, minha linda.

Sobressaltei-me, e o meu pulso torceu-se de súbito da mão do Blake.

Era a voz de uma mulher. Baixa e melódica. Dentro da minha cabeça.

Quem és tu? Quem é que disse isso?, exige.

Não devias ter-te deixado apanhar. A sério, miúda, não tens orgulho?, repreendeu-me a voz da mulher.

Orgulho? Eu tenho muito orgulho. Mas o orgulho não me armou. O orgulho não me deu uma espada com a qual pudesse cortar-lhe a garganta, retorqui.

Ah, mas querias fazê-lo. Já é alguma coisa. Ainda bem. Mantém-te firme. Agarra-te à raiva que sentes.

Havia algo de imperioso no tom da mulher, apesar da sua natureza sedenta de sangue.

Quem raio és tu?, exige outra vez. Sai da minha cabeça.

Tens razão. É melhor pararmos com a converseta e ouvirmos o que estão a dizer. Tens de descobrir o que é que esta gente quer contigo. Seguiu-se uma pausa e eu quase conseguia imaginar a mulher a tocar com o dedo no queixo. *Ao que parece, não são uns selvagens absolutos. Têm um sentido de decoro. E bom gosto.*

Bom gosto? É isso que tu lhe chamas? Eles bebem sangue. Senti a histeria a borbulhar-me na garganta, e apressei-me a suprimi-la. Decoro? É isso que tu chamas quando alguém me acorrenta e me arranca o cabelo?

Não houve resposta. A voz da mulher desaparecera. Como se tivesse sido apenas fruto da minha imaginação. Um arrepio percorreu-me.

Talvez tivesse sido isso. Talvez eu *tivesse* morrido. Talvez eu estivesse numa outra vida marada depois da morte. A loucura podia ser parte integrante da morte. Talvez eu estivesse a enlouquecer. Se fosse esse o caso, tinha esperança de que a loucura se instalasse depressa e que eu não tivesse mais pensamentos na cabeça em breve. Mas, até lá, olhei para as pessoas que estavam a olhar fixamente para mim do cimo da plataforma. E olhei-as fixamente de volta. Os meus olhos viajaram por cada um deles, mantendo os lábios firmemente contraídos. Será que eu parecia hostil? Ameaçadora? Esperava bem que sim.

Porque eles pareciam.

O homem sentado na cadeira de pedra negra inclinou-se ligeiramente para a frente. Os seus olhos eram de um vermelho profundo e inquietante, e ele segurava um bastão na ponta do qual pousava uma brilhante joia es-carlate. Desviei o olhar, perturbada pela sua expressão. Ele olhava para mim com o mesmo interesse que alguém teria por um cavalo ou outro tipo de gado que pretenderia comprar.

A seguir, os meus olhos pousaram no homem à sua esquerda. Era mais novo e tinha vestida uma armadura de couro preto com detalhes em dourado. Os seus olhos não eram cinzentos como os do Blake; eram de um azul-pálido, mas tinham o mesmo formato. Na verdade, ele era parecido ao Blake em vários aspetos, ainda que a sua constituição fosse mais baixa e larga.

Olhei para o Blake, que ainda me segurava pelo pulso, e de volta para o homem. Sim, aqueles dois poderiam ser primos. Ou até irmãos.

Um movimento captou a minha atenção. Uma jovem mulher cruzava e descruzava os braços, impaciente. Estava mais atrás na fila de nobres. Era bonita, com lábios rosados e cabelo louro-claro reluzente. O seu vestido era uma cascata de violeta translúcido sobre seda preta. Tinha na testa um diadema de prata com joias roxas. Batia o pé como quem está impaciente ou irritada, porém, quando me viu a olhar para ela, olhou-me de volta. Algo no seu olhar ia além da mera curiosidade ou mesmo hostilidade. Era puro ódio. E, para lá dele, talvez algo parecido a medo.

Mas havia mais alguma coisa no meio disto tudo. Mais do que estas pessoas estranhas neste mundo estranho e desconhecido. Analisei a fila de nobres. Algo em comum se estendia entre todas as figuras no estrado, conectando-os.

O cabelo, apercebi-me. Se o meu cabelo fora o que me destacou, o deles era o que os unia.

Desde o homem sentado na cadeira, ao jovem sentado ao seu lado, à mulher que me olhava com uma fúria gélida. Enquanto os seus tons de pele variavam, eles estavam unidos pela cor clara dos seus cabelos. Tons que iam de branco-prateado a louro-dourado a cinzento-prateado. Nem um vislumbre de castanho, preto, ou até ruivo entre eles.

Olhei para a multidão à minha volta e deparei com o mesmo. Apesar de alguns dos soldados que me escoltaram até aqui terem cabelo castanho ou preto, nesta sala não se avistavam outros tons que não neve-pálida ou ouro-ténue.

Olhei para o homem na cadeira negra e para o seu cabelo tão branco como neve acabada de cair, que lhe dava pelos ombros, liso e elegante, emoldurando-lhe o severo e frio rosto barbudo. O homem mais novo ao seu lado tinha cabelo louro acinzentado, cortado rente num estilo militar que lhe acentuava os traços fortes e angulares do rosto. Olhei para o homem ao meu lado, a quem o Lucius chamara de Blake Drakharrow. O seu cabelo caía-lhe em torno do rosto, dando-lhe quase ao queixo. Os fios eram de um dourado muito pálido. Louro a umas luzes, quase branco a outras.

Eu sobressaía que nem um carvão flamejante entre esta gente. Mal consegui resistir ao impulso de levar uma mão à cabeça, insegura. Desviei o olhar para evitar a sensação, e os meus olhos pousaram numa rapariga na qual ainda não havia reparado.

Uma criança.

Com, no máximo, 9 ou 10 anos, estava sentada no limiar da plataforma. Tinha o longo cabelo louro entrançado com fitas vermelhas, e algumas mechas rebeldes haviam escapado, emoldurando-lhe o pálido rosto de porcelana. Agora, inclinava-se para a frente, com o queixo pousado nas mãos erguidas por braços delgados. Tinha um ar aborrecido e desinteressado nos procedimentos, e balouçava os pés distraidamente contra o estrado.

Quase sorri ao olhar para ela. Perguntei-me quem seria. Alguém importante o suficiente para estar incluída entre as poderosas pessoas na plataforma, mas não importante o suficiente para ser obrigada a permanecer ao lado delas. Talvez tivessem desistido de tentar fazer com que ela mantivesse a postura. Fosse onde fosse, as crianças eram crianças. Até mesmo entre vampiros.

O homem sentado na cadeira negra estava a levantar-se. Segurava o bastão como um símbolo de força, não como uma muleta, como faria um verdadeiro velhote. Tive a sensação de um poder ancestral. Ele pairava sobre toda



a assembleia como uma sombra escura, e algo na forma como ele olhou para mim lá de cima me fez perder a força nas pernas. E não no bom sentido.

A mão do Blake agarrou-me o pulso com mais força. Não percebi se fora para me magoar ou para me acalmar. Seja como for, funcionou. Ajustei a minha postura e ergui um pouco o queixo.

— Uma raridade, de facto — concordou o homem ao aproximar-se da beira da plataforma. — Fizeste bem em trazê-la até nós, Blake. — Os seus olhos perscrutaram os meus com um ligeiro brilho. — Como é que te chamam, pequena? De onde é que vens?

Tive a sensação de que ele estava a dar o seu melhor para falar amavelmente comigo. No entanto, não tinha qualquer sombra de dúvida que, neste homem, não havia nada de *amável*.

Ainda assim, uma onda de calor inundou-me e dei por mim a abrir a boca antes de poder impedir-me.

— O meu nome é Medra Pendragon, meu senhor.

O burburinho espalhou-se pela multidão. Dei o meu melhor para o ignorar.

— Quanto ao sítio de onde venho... — Aclarei a garganta. — Não iria acreditar em mim se lho dissesse.

Outra onda irrompeu pela multidão e vi o homem a franzir a testa como se eu tivesse dito algo inadvertidamente desafiador.

— Não sabes nada sobre Sangratha? Sobre a Servitude?

Abanei a cabeça.

— Nem sequer sei o que essas palavras significam.

Se bem que *Servitude* era bastante óbvio. Não gostei do que isso implicava. Será que este reino de vampiros era inteiramente baseado na escravidão ou algo parecido?

— Tudo o que lhe peço, meu senhor — disse, continuando com o máximo de cuidado possível —, é a sua tolerância e misericórdia. Eu posso ter sido encontrada na sua terra, sim, mas não tinha intenção de aqui estar. Não tencionava invadir. Quero apenas voltar para casa.

O homem ficou em silêncio durante um longo momento. Em seguida:

— Diz-me, Medra Pendragon, como é que uma pessoa vem parar a uma terra desconhecida como tu fizeste? E sem saberes como vieste aqui parar, como é que poderás voltar para casa? Onde é que é a tua casa?

Eu abri a boca e voltei a fechá-la. Ele tinha razão. Eu não fazia ideia de como viajar entre mundos, tal como parecia ter feito, puramente sem

querer. Eu fora arrastada das portas da morte, mas não pela minha mão ou escolha.

— O teu silêncio diz muito. Não falas sobre a tua casa. Portanto, és uma espia?

— Não me lembro — declarei. — Não me lembro da minha casa. Se sou uma espia, também não me lembro. Mas sei que não pertenço aqui.

— Que conveniente — disse o homem. — E, ainda assim, talvez seja precisamente aqui que tu pertences. Diz-me, de que outras informações perigosas é que te esqueceste?

Levantei o queixo.

— Eu disse que perdi as minhas memórias. Não que vos quero fazer mal. Não precisam de estar todos tão desconfiados. Porque é que não param de olhar para mim? É por causa do meu cabelo? O cabelo ruivo não é assim tão raro de onde eu venho. Disso, eu lembro-me. Este reino é assim tão fraco a ponto de me ver como uma ameaça?

O salão encheu-se de barulho.

— Silêncio! — gritou o outro homem na plataforma, aquele que se assemelhava ao Blake. — Ordem, ou todos terão de abandonar o salão.

O silêncio instalou-se de imediato. À minha volta, as pessoas moviam-se desconfortavelmente, e ninguém se atrevia a olhar para o homem na plataforma.

— Se me permite, Lorde Drakharrow.

Era a jovem mulher com o vestido violeta. Ela deu um passo em frente, com as mãos modestamente entrelaçadas.

Quer dizer que o homem que decidiria o meu destino era da família do Blake Drakharrow. Será que era o pai dele?

— Menina Pansera. — O Lorde Drakharrow sorriu com indulgência. — Tem alguma sabedoria para transmitir à corte?

A mulher mostrou-lhe um sorriso simpático.

— Acreditar que eu teria alguma sabedoria para lhe transmitir *a si*, Lorde Drakharrow, seria a maior das presunções.

Uma gargalhada surgiu da multidão. Mas era um riso gentil. Afinal, ela era um deles.

A jovem deu um pequeno passo em frente e pousou o olhar em mim.

— Não, não tenho sabedoria, meu senhor. Apenas raiva.

— Raiva, Menina Pansera? — O Lorde Drakharrow levantou as sobrancelhas.

— Raiva para com esta criatura.

Eu irritei-me.

— Para com a ousadia desta mulher — continuou. — Raiva para com o desrespeito que ela tem pela sua casa, por esta corte, pelas nossas tradições sagradas.

— Eu não sei nada sobre as vossas tradições — disse eu em voz alta. — Não era minha intenção faltar-vos ao respeito.

O rosto da jovem mulher contorceu-se numa expressão de repulsa.

— Ela até se dirige a mim, como se pertencesse aqui. Como se tivesse direito a falar perante os Puros de Sangue. Mas foi encontrada num monte de terra. Tresanda a campa, e não posso deixar de desejar que seja enviada de volta para lá, meu lorde. O senhor não merece que falem consigo com tanto desdém.

O Lorde Drakharrow inclinou a cabeça, pensativo.

— Então e as marcas que ela apresenta, Menina Pansera? Prefere que ela morra ou que seja libertada, apesar delas?

A rapariga do vestido violeta encolheu os ombros.

— De que é que serve o facto de ela ter as marcas de uma cavaleira quando não há nada para montar?

Olhei de relance para o príncipe, confusa com aquelas palavras, mas ele não olhou para mim. Os seus lábios estavam contraídos numa fina linha. Estaria descontente com o discurso da Menina Pansera? Ou estaria simplesmente irritado por ter de ali estar?

A Menina Pansera deu um discreto passo atrás, tomando o seu lugar entre os outros nobres na plataforma, com a cabeça inclinada respeitosamente. Mas apesar de ter a cabeça inclinada para baixo, os seus olhos continuavam pousados em mim. Era evidente que ela queria que o Lorde Drakharrow me matasse aqui hoje. O que é que eu havia feito para a ter como inimiga? Ou seria apenas porque eu não era uma vampira?

— A Regan Pansera tem razão — admitiu o Lorde Drakharrow à multidão. — Há mais de cem anos que não temos dragões na nossa terra.

O meu coração acelerou perante aquela palavra. *Dragões*.

— Os últimos cavaleiros morreram muito antes disso. — O Lorde Drakharrow observou a multidão. — E nós, os Escolhidos, os Puros, os Sangue Sagrado, infelizmente ficámos mais fracos por causa disso. Não ficámos?

Um comedido murmúrio de concordância.

Ele levantou um pouco a voz.

— Esta rapariga, de onde quer que tenha aparecido, tem as inconfundíveis marcas de uma cavaleira. Vejam a cor do seu cabelo. As pontas afiadas das suas orelhas. Olhem para os seus alongados dedos das mãos e dos pés, tal como tinham os cavaleiros de antigamente.

Eu olhei para as minhas mãos, insegura, e cerrei os punhos. Mas estava descalça. Não podia fazer nada para esconder os pés. À minha volta, toda a gente olhava para mim e sussurrava. Gotas de suor surgiram-me na nuca. Tentei permanecer calma. As minhas mãos e pés eram iguais às de qualquer outra fada em Aercanum. Alongados? Eu era meio fada, pelo que presumo que fossem. Mais do que os de um humano. De onde eu vinha, isso não tinha nada de incomum.

— A sua constituição — continuou o Lorde Drakharrow, erguendo ambas as mãos e baixando-as para gesticular em direção ao meu corpo. — Uma fisicalidade esguia e aerodinâmica, otimizada para o equilíbrio e a agilidade. — Ele olhou para mim. — Os seus ossos. Se fizessemos algumas experiências, com certeza iríamos concluir que são mais densos, reforçados. O que reduz o risco de ferimentos causados por manobras e impactos.

Eu engoli em seco. *Experiências* soava sinistro.

— Eu não faço ideia do que é que está a falar — anunciei. — A única coisa que alguma vez montei foi um cavalo. Nada de dragões.

A multidão riu-se. De mim. Não comigo, como haviam feito com a perfeita Menina Pansera.

— Não há dragões na tua terra, Menina Pendragon? — inquiriu o Lorde Drakharrow. — O teu apelido sugere que sim. De que terra é que és oriunda, mesmo? Teria todo o gosto em visitá-la um dia.

Eu abanei a cabeça.

— É um apelido, nada mais. Nem sequer consigo recordar-me do nome da minha terra — menti. — Talvez tenham existido lá dragões, há muito tempo, mas nunca foram vistos por alguém vivo. Não na minha terra. É só um apelido.

Era, na verdade, o apelido de reis e rainhas. Os Pendragon eram uma linhagem antiga. E graças às más escolhas da minha mãe quanto a homens, eu fazia parte dessa linhagem do lado do meu pai.

Más escolhas? Ou planeamento minucioso?

A voz na minha cabeça havia regressado.

Sai daqui, sibilei-lhe. Não tens direito a estar aqui.

Uma risada estridente. *Não fazes ideia do quão errada estás.*



Mas ela ficou em silêncio.

— Entendo. — Um ligeiro sorriso. O Lorde Drakharrow achava que eu estava a mentir com todos os dentes que tinha na boca. — Bem, *esta* terra teve dragões, Medra Pendragon. Não eram apenas nomes. Eles existiam. E tinham cavaleiros.

— E o senhor acha... o quê? Que eu sou um deles? — Olhei para ele, incrédula. — O senhor disse que já não há dragões, não foi? Portanto, porque é que isso interessa? — Eu olhei para a Regan Pansera, como que à espera de comiseração, dado que, afinal, concordávamos quanto a isto, não era? Mas os seus olhos continuavam aguçados como punhais.

— Era uma linhagem antiga — refletiu o Lorde Drakharrow. — E a tua presença aqui hoje poderia ser considerada quase profética...

— Se me permite, Lorde Drakharrow. — A voz de uma mulher. Suave, mas majestosa. Ela estava do outro lado da plataforma, vestida com sedas vermelhas. Parecia mais velha do que a maioria dos outros nobres à sua volta, mas mais nova do que o Lorde Drakharrow. — Como sabe, a Casa Avari orgulha-se dos seus cavaleiros de dragões. A aparência desta rapariga pode não ser nada. Ou... — Ela hesitou, arriscando um rápido olhar na minha direção. Tive a sensação de que ela era uma mulher com muita autoridade e poder, mas não tanto poder quanto exercia o Lorde Drakharrow. Senti que ela se iria submeter à vontade dele.

— Sim, Senhora Avari? — insistiu o Lorde Drakharrow. — Ou?

A mulher mais velha com cabelos prateados mordeu o lábio.

— Ou pode ser um presságio. Um sinal da própria Donzela de Sangue. Uma agitação percorreu o salão.

Um homem corpulento com um brocado prateado deu um passo em frente, e as suas botas revestidas a aço tilintaram contra a plataforma.

— A Casa Mortis concorda com a Casa Avari. A chegada desta rapariga não deve ser subestimada. Ela é importante. Não podemos permitir que se vá embora.

— Interessante — meditou o Lorde Drakharrow. — Que opções tem em mente, Lorde Mortis?

O Lorde Mortis olhou para mim com uma expressão austera.

— Testar o sangue dela. Caso o sangue seja digno, oferecê-la-emos à deusa; caso contrário, destruí-la-emos. Ou...

As sobrancelhas do Lorde Drakharrow elevaram-se novamente.

— Ou? Há uma terceira hipótese? Fascinante.

— Ou acasalamos com ela — rosnou o Lorde Mortis. — Preservamos a linhagem da cavaleira, agora que foi encontrada. Perdemos todos os cavaleiros. O sangue dela parece... — Ele hesitou. Suspeitei que não queria usar a palavra *puro* para me descrever. — Forte — decidiu. — As características dela são distintas. Proeminentes. Isso é bom sinal.

Ele voltou a ocupar o seu lugar entre os outros nobres no estrado.

Era evidente que as pessoas na plataforma eram a elite suprema. Vi alguns dos lordes e senhoras em torno dele a acenar em concordância. Mas com que parte do que ele dissera? A parte sobre matar-me? Ou sobre oferecer o meu sangue a uma deusa qualquer?

Ou talvez sobre a pior de todas: a de acasalar comigo. Quem teria essa honra? O Lorde Drakharrow?

Um arrepio percorreu-me. Não. Definitivamente que não.

Comecei a mirar as altas janelas de vidro arqueadas que revestiam as paredes do salão. Quão depressa conseguiria eu chegar a uma delas? Será que eles seriam rápidos o suficiente para me impedir? Se eu conseguisse saltar por uma delas, será que cairia num passeio de calçada? Ou nas rochas aguçadas de um penhasco? Ou nas ondas turbulentas lá em baixo?

Decidi que, na melhor das hipóteses, a janela partida me deixaria ferida e a sangrar, e seria forçada a nadar até ao mar enquanto os arqueiros do Blake atiravam contra mim.

— Um acasalamento — murmurou o Lorde Drakharrow. Ele levou a mão ao queixo, esfregando a barba prateada. — Para nos vincular a ela. Para dar continuidade à linhagem. Para a reforçar. Não posso negar que parece uma ideia interessante.

Ele olhou para onde eu estava.

— Claro que, por direito, apenas um homem deve vincular-se a ela.

Um burburinho percorreu o público.

Eu olhei para os nobres, com o rosto a aquecer de raiva.

— Eu não me importaria de ter voto na matéria, Lorde Drakharrow.

— Ai é? Mas tu não tens voto na matéria, Medra Pendragon. Caso ainda não tenhas percebido, as Pessoas do Sangue Puro estão aqui para decidir o teu destino, e o teu destino já esteve muito perto da morte, hoje.

Eu silvei por entre dentes.

— Mas não será a morte, pois não?

Ele sorriu, mostrando as presas brancas e mortíferas. Eu estremeci.

— Não?

Abanei a cabeça, fazendo de propósito para que o meu cabelo me voasse em torno do rosto numa nuvem de caracóis. Ouvi arquejos quando a juba ruiva esvoaçou no ar e me assentou nos ombros.

Agora, era a minha sobrevivência que estava em causa. E, para minha surpresa, descobri que queria sobreviver. Eu não estava morta. Não tinha morrido. E preferia continuar assim. Pelo menos, por enquanto.

— Não — respondi com ênfase. — Sou demasiado valiosa para me matarem. Todos vocês já o decidiram. Tal como disse a Senhora Avari, eu posso ser um presságio. — O que é que ele já havia dito? Que eu tinha a fisicalidade de uma cavaleira de dragões. — Olhem para mim. Sou uma Pendragon. A *única* Pendragon. Tanto quanto sabem, o poder reside no meu sangue. Talvez eu consiga trazer os dragões de volta.

Uma onda de arquejos surgiu à minha volta.

Eu tinha mesmo dito aquilo?

Encolhi os ombros mentalmente. O que é que importava? Não era como se eu fosse mesmo fazê-lo. Eu sabia disso, mas eles não precisavam de o saber. Talvez eu não tivesse começado da melhor forma. Devia ter feito bluff o tempo inteiro. Era evidente que a única coisa que esta gente reconhecia e respeitava era poder tão brutal quanto o seu. Estava a ganhar tempo. Tempo para me integrar no meio destes monstros de sangue-frio e dentes afiados. Tempo para encontrar uma arma e cortar as gargantas de alguns vampiros de sangue puro; e depois escapar, não só com vida, mas quiçá com algo mais. Talvez algum dinheiro, para me ajudar a escapar deste reino amaldiçoado. Talvez um mapa. Ou um navio.

— Estás a recuperar uma memória ou duas, é? — O sorriso do Lorde Drakharrow era uma fenda predatória.

— Talvez — respondi, indiferente. — Quem sabe de que mais me irei recordar com o passar do tempo. Poderei lembrar-me de algo útil.

— Talvez ela tenha sido enviada pela deusa. Talvez ela seja um presente da Donzela de Sangue — sussurrou uma mulher próxima de mim à que estava ao seu lado.

Os olhos do Lorde Drakharrow dirigiram-se a ela, e ela soltou um guincho e depois calou-se.

Mas era tarde demais. Eu sorri, triunfante. Ele já não podia matar-me. Não agora que a esperança começava a espalhar-se.

— Muito bem, Medra Pendragon — disse o Lorde Drakharrow lentamente. — Permitir-te-emos viver. Mas vinculada aos Puros, tal como todos

os filhos do tormento. Será essa a tua dívida. O teu valor reside no teu sangue, e o teu sangue deverá ser partilhado.

Dei um passo atrás, cabisbaixa, e tentei soltar a mão que o Blake estava a agarrar. Mas o sacana segurou-a com força, arrastando-me para junto dele com um puxão violento.

O Lorde Drakharrow sorriu-nos.

— Vês? Tu já estás vinculada ao meu sobrinho. Ele encontrou-te. Salvou-te. Tens uma dívida vitalícia para com ele. Uma dívida que nunca poderá ser paga.

— Ele *raptou-me!* Acorrentou-me e arrastou-me até aqui — protestei ferozmente. — Não lhe devo nada. Só quero que me libertem.

— Na Servitude, terás a mais pura das liberdades — garantiu-me o Lorde Drakharrow. Senti um arrepio a descer-me pelas costas. — O vínculo é liberdade. Quanto mais cedo aceites isso, mais feliz serás.

Levantou-se de repente.

— Hoje, a tua vida muda. Medra Pendragon, irás tomar o teu lugar na Servitude. Hoje, tiro-te da lama e do lodo. Nomeio-te Cavaleira de Dragões de Sangratha. Aquele que te encontrou será quem te guiará neste novo mundo.

A mão do Blake apertou a minha.

— Tio...

— Silêncio, sobrinho — avisou o Lorde Drakharrow. — Hoje, honro-vos aos dois, aqui neste salão. Não te iludas.

O lorde vampiro acenou com a mão e eu senti um poder a atravessar-me, a enrolar-se à minha volta como uma fita gelada.

Senti um puxão e dei pela minha mão não só a ser agarrada pela do Blake, mas a agarrar-lha de volta, como se eu o quisesse fazer.

Ouviu-se o som de carne a rasgar.

Gritei e olhei para baixo. O meu pulso havia sido rasgado. Sangue escorria para o chão de mármore. Mas não era apenas o meu. O pulso do Blake estava pressionado contra o meu, e também estava a sangrar.

O Lorde Drakharrow sorria-nos, com os olhos vermelhos a brilhar.

— Que fique registado que este vínculo é inquebrável, tão duradouro quanto a força do nosso reino. Pela minha vontade e pelo poder dos nossos ritos ancestrais, Blake Drakharrow e Medra Pendragon ficarão vinculados pelo destino e pelo dever, para sempre inabaláveis, irrevogavelmente unidos. Tal como o dragão voa e o sangue perdura, também os vossos destinos

estarão entrelaçados. O vosso vínculo foi forjado. Através do fogo e das sombras, sereis um. O que foi enunciado será para sempre inalterado. O vínculo criado não poderá ser revogado.

Arquejei alto quando as nossas mãos unidas subiram acima das nossas cabeças. O nosso sangue misturado correu-me pelo braço, quente e pegajoso.

O Lorde Drakharrow fez um gesto e as nossas mãos descaíram.

Soltei o Blake o mais depressa possível, afastando-me dele como se tivesse sido marcada.

E tinha.

Olhei para o meu pulso. O rasgão já estava a sarar. Mas uma marca perdurava. Em forma de lágrima. Vermelha-viva como uma gota de sangue. Esfreguei-a, mas ela não desapareceu, ainda que a dor estivesse a esvanecer.

— Este é apenas o primeiro passo do vosso vínculo — disse o Lorde Drakharrow, observando-me a olhar para a marca. — O sangue é o início, assim como será o fim. Sangue terá sangue. A vossa essência não foi completamente partilhada. A marca é a primeira etapa.

Olhei em volta e apercebi-me de súbito do quão silencioso estava o salão. Muitos dos vampiros à minha volta estavam a lamber os lábios. Alguns cheiravam o ar avidamente, tal como fizera o Barnabas.

Estremeci. Estavam a cheirar-me. A cheirar o meu sangue. E ansiavam por ele.

Olhei de relance para o Blake, à espera de encontrar a mesma sede de sangue no seu rosto. Mas, para minha surpresa, ele permanecia estoico como antes. Quando muito, tinha o maxilar um pouco mais cerrado, os lábios um pouco mais pressionados. Recusava-se a olhar para mim.

— Medra Pendragon é declarada Segunda Consorte Prometida do Príncipe Blake Drakharrow — decretava o Lorde Drakharrow à multidão. — Ninguém deve tocar-lhe. Caso alguém se alimente dela, haverá uma chacina. Considerem-se avisados todos os presentes neste salão.

A voz do vampiro era fria. Contudo, senti-me grata pelo poder que ela abarcava. Só um idiota se meteria com aquele velho assustador. Tinha esperança de que nenhuma daquelas pessoas que estavam a lamber os lábios perante o meu sangue fresco fosse assim tão parva.

Em seguida, apercebi-me. A palavra que ele usara.

Segunda prometida.

Quem seria a primeira?

Depois os nossos olhares cruzaram-se.

Um fio de sangue escorria-lhe pelo queixo, de onde ela havia mordido o lábio numa fúria silenciosa. Enquanto eu a observava, ela levantou uma mão e limpou o rasto vermelho, sem desviar o olhar de mim.

Eu não tinha quaisquer dúvidas sobre quem era a Primeira Prometida do Blake Drakharrow.

Regan Pansera.



UMA FADA NUMA ESCOLA DE VAMPIROS? É A RECEITA PARA O DESASTRE.



Sou a **Medra Pendragon**, a última cavaleira de dragões. O mais engraçado é que já não há dragões. Mas isso não impediu estes vampiros de me capturarem e enviarem para a Academia Bloodwing.

Entra em cena o **Blake Drakharrow**. Frio, arrogante e demasiado bonito. Graças a um qualquer ritual antigo, estamos prometidos. Ele acha que eu lhe pertenço, mas está enganado.

Entre competições mortais, mentiras e segredos, preciso de sobreviver. Fácil, certo? Só que o verdadeiro perigo não é a academia, mas os terríveis jogos de poder. E o Blake, claro.

**Eles acham que me podem controlar.
Mas não fazem ideia do que despertaram.**

OTHER SIDE

é uma coleção **SECRET SOCIETY**



Penguin
Random House
Grupo Editorial

 seekthebutterfly.pt
 secretstocietypt
#seekthebutterfly

ISBN: 978-989-589-478-9



9 789895 894789

